FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE FERNANDÓPOLIS

PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA: CULTURA POLÍTICA EDUCAÇÃO E MOVIMENTOS SOCIAIS

NATHALIA SILVA ESTEVES

A BIOGRAFIA HISTÓRICA NO MUNDO DOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHO CAROLINA

Fernandópolis

2019

NATHALIA SILVA ESTEVES

A BIOGRAFIA HISTÓRICA NO MUNDO DOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHO CAROLINA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto à pós-graduação em História: cultura política, educação e movimentos sociais.
Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva

Fernandópolis

2019

A BIOGRAFIA HISTÓRICA NO MUNDO DOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHO CAROLINA

RESUMO

Propomos neste trabalho a análise da biografia histórica dentro da história em quadrinhos (*hq*) Carolina, na qual buscaremos aludir sob perspectiva histórica como se dá a criação de uma história em quadrinhos baseada em uma biografia. Biografia histórica, que se diferencia da biografia literal, por se basear em investigação, e, além disso, mostrar que podemos conhecer o todo a partir de uma única vida, do individual à coletividade. Perpassaremos por estudos de Levi, Bordieu, Del Priori, Schwarcz, Vergueiro entre outros. Buscaremos apontar o processo de realização da *hq* que ressalta sobre a história de vida de Carolina Maria de Jesus, conhecida por seu livro de maior sucesso "Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada". Carolina aborda em suas obras a exclusão social, o racismo, a pobreza, a violência de diversas formas. Os autores Sirlene Barbosa e João Pinheiro, com base em documentação e pesquisa, empenhados em trazer a história de vida de Carolina, o pouco dessas agruras citadas pela escritora, toda a transformação de favelada à literata afro brasileira, transforma a realidade em arte, guiando-nos por informações mais íntegras possíveis. Por fim, por meio deste estudo, desejamos instigar a pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos, que, vem crescendo cada vez mais e merece a atenção e a dedicação de novos pesquisadores brasileiros.

PALAVRAS-CHAVES: História em quadrinhos; Biografia histórica; Literatura afrodescendente;

ABSTRACT

We propose in this work the analysis of the historical biography inside the comic book Carolina, in which we will try to allude under historical perspective how the creation of a comic book based on a biography. Historical biography, which is different from literal biography, because it is based on investigation, and also shows that we can know the whole from a single life, from the individual to the collective. We will go through studies of Levi, Bordieu, Del Priori, Schwarcz, Vergueiro among others. We will try to point out the process of realization of the comic that highlights on the life history of Carolina Maria de Jesus, known for her book most successful book "The Trash Room". Carolina addresses social exclusion, racism, poverty, violence in various ways in her works. The authoress Sirlene Barbosa and the author João Pinheiro, based on documentation and research, committed to bringing Carolina's life story, the little of these hardships cited by the writeress, the her transformation from "favelada" to Afro-Brazilian literate, transforms reality into art, guiding us by the most complete information possible. Finally, through this study, we wish to instigate academic research into comic books, which has been growing more and more and deserves the attention and dedication of new Brazilian researchers. Carolina addresses social exclusion, racism, poverty, violence in various ways in her works.

KEYWORDS: Comics; Historical biography; African descent literature;

A BIOGRAFIA HISTÓRICA NO MUNDO DOS QUADRINHOS: UMA ANÁLISE DA HISTÓRIA EM QUADRINHO CAROLINA

> O livro… me fascina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos. Evitando os abismos que encontramos na vida. Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bússola que há de orientar o homem no porvir […] - Carolina Maria de Jesus, em "Meu estranho diário". São Paulo: Xamã, 1996, p. 167.

FIGURA 1.
FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

Este trabalho pretende analisar a história em quadrinhos biográfica sobre Carolina Maria de Jesus. Buscaremos responder como a biografia se coloca no âmbito das histórias em quadrinhos, diz Giovanni Levi "a biografia está no centro da preocupação dos historiadores"(LEVI, p.167) e como tal, não podemos deixar de analisar sua importância. Contudo, nem sempre foi assim, Mary Del Priori,

aborda em seu artigo “Biografia: Quando o Indivíduo Encontra História” sobre a trajetória da biografia no campo historiográfico. No início do século XX a biografia foi vista como ultrapassada (PRIORI, 2009, p.7), Ferro coloca esse desinteresse na valorização do papel das massas e na diminuição do papel dos “heróis” (FERRO, 2009, p.7). Priori estabelece essa trajetória desde a Grécia, que tinha como maior preocupação o efeito literário do que a exatidão das informações, em Roma também foi assim. Logo depois, a hagiografia, na Idade Média, surgiu para mostrar a exemplaridade humana, baseando-se na história de vida dos santos. No Renascimento o foco era no indivíduo, e mesmo anos mais tarde, o individualismo só veio a crescer, tornando tendência escrever sobre a própria vida, e diríamos também, a vida dos outros (PRIORI, 2009, p.7). Peter Burke, também discorre sobre o aumento do interesse pela biografia - pintores, escultores, políticos, governantes, escritores - no período do Renascimento em “A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista”[1](BURKE, 1997, p.89/p.90)

No século XIX a biografia é utilizada para a construção da ideia de nação – nesse período história e literatura se separam: “A história tornou-se uma disciplina e monopólio de acadêmicos” (PRIORI, 2009, p.8). Isso na perspectiva positivista, pois a biografia era considerada apenas uma narrativa. Na mesma época, diz Priori:

> Enquanto os historiadores preferiram rejeitar os ídolos individuais e os recortes cronológicos dados pelo tempo de uma existência, escritores se tornaram, então, os grandes biógrafos. (PRIORI, 2009, p.8).

Entretanto com a renovação dos métodos historiográficos através da Escola dos Annales, no início do século XX, a biografia retornou em partes à vida dos historiadores. A biografia ganhou um grande espaço na vida dos historiadores na primeira geração dos Annales, direcionada por Lucien Febvre e Marc Bloch. Febvre foi responsável por instaurar o que ficou conhecida como “biografia modal”, que através do indivíduo era possível se dedicar a coletividade – o historiador deu vida a Lutero e Rebelais. Para Levi a biografia modal e prosopografia não se referem a uma pessoa singular, mas um indivíduo que concentra todas as características de um grupo, que só desperta interesse quando ilustram comportamentos ao qual nos identificamos, ou seja, uma personalidade que abrange as massas. A pessoa ao ler sente-se parte de um todo (LEVI, p.174/p.175). Na segunda geração dos

---

[1] Para Burke a biografia renascentista se dividia em cinco partes: 1- mesmo que algumas tivessem organização cronológica, a estrutura normal era tópica ou temática; 2- profecias sobre a grandeza futura do herói; 3- atenção aos rituais de morte; 4- paralelos com a ficção e 5- importância do diálogo. Além disso, o autor diferencia a biografia renascentista da atual: 1- A ideia do indivíduo como exemplar e a ideia de indivíduo único; 2- pressuposto que a personalidade é estática, produto de humores e, o resultado de fatores ligados ao nascimento – daí a possibilidade de prever o futuro.

Annales, na direção de Fernand Braudel, a biografia é deixada um pouco de lado, com um maior foco na história total.

O percurso da biografia não acaba por aqui, em meados da década de 80 surge um debate entre sociólogos e historiadores, Pierre Bourdieu, em "Ilusão Biográfica", traz sua crítica referente à subjetividade da biografia, o que o autor chama de "criação artificial sem sentido". Bourdieu defende que a vida não é um relato coerente de uma sequência de acontecimentos, para ele a vida é moldada pelo meio, e também pela visão de mundo do próprio investigador. Como relata:

> Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação de um "sujeito" cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura de rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações." (BOURDIEU, p.189-190).

Com a terceira geração dos Annales, Jacques Le Goff retoma o tema biografia de uma forma completamente diferente, a biografia histórica incorporou-se a história cultural e social. A partir disso, a biografia não é mais de um indivíduo isolado, mas a história de uma época vista através de um indivíduo ou grupo de indivíduos. Sabina Loriga é uma das historiadoras que critica a ideia de Borudieu sobre a ilusão biográfica, como explana em entrevista encontrada no livro "História da Historiografia":

> Ele sugere a existência de apenas uma forma de escrita biográfica, embora haja várias. Por exemplo, inúmeras biografias privilegiaram uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a formação, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte. Mas isso não implica que a biografia deva, necessariamente, apoiar-se em uma trama cronológica . Não existe nenhuma regra formal nesse domínio, nem mesmo no que diz respeito às características individuais. (LORIGA, 2012, p.32).

Para compreendermos melhor o uso do gênero biográfico nas histórias em quadrinhos usaremos em nossa análise, a 3ª edição da história em quadrinho Carolina, de Sirlene Barbosa (pesquisa e argumento) e João Pinheiro (roteiro e desenhos), publicada pela editora Veneta em 2018, que retrata a vida da escritora Carolina Maria de Jesus, importantíssima para a literatura no Brasil nos anos 1960. Seu livro mais conhecido "Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada" fez o maior sucesso sendo publicado em 13 países. Negra, pobre, moradora da favela do Canindé e mãe de três

filhos, Carolina narra em seu livro o cotidiano na favela. Foi descoberta pelo jornalista Audálio Dantas, que a ajudou na publicação de seu trabalho. A história em quadrinhos “Carolina” mostra a vida, a luta, a fama e o declínio da autora, uma das maiores vozes da literatura feminina e negra no Brasil. Usaremos a abreviatura “hq” quando nos referirmos às histórias em quadrinhos.

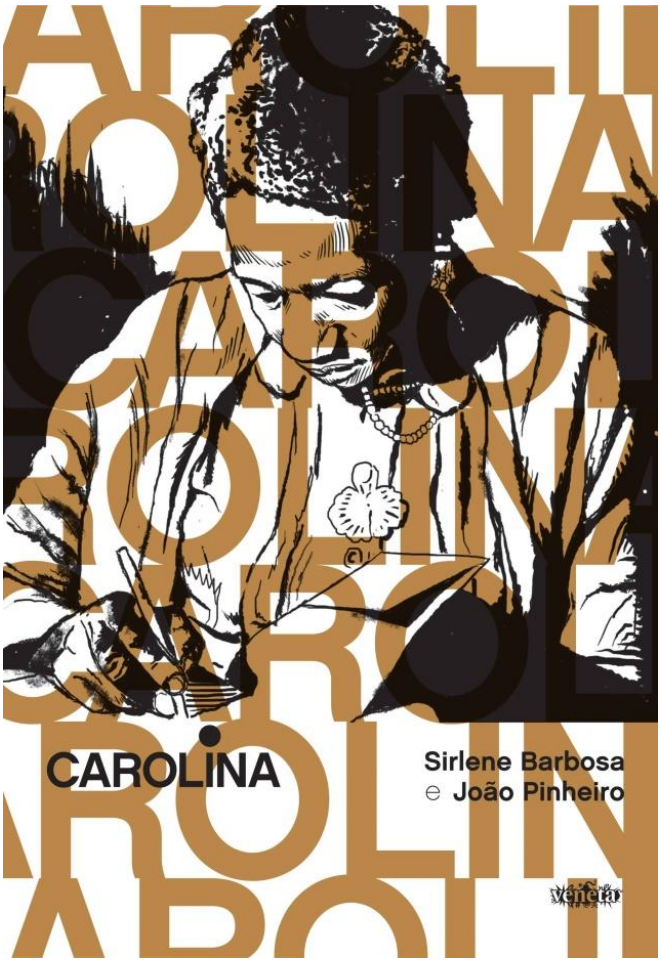

FIGURA 2. Capa da história em quadrinho Carolina.

FONTE: PIQUEIRA, 2018.

FIGURA 3.História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.

FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

A hq "Carolina" foi publicada também na França pela editora Presque Lune[2], onde venceu o prêmio especial de quadrinho 2019 no festival de Angoulême. Aqui no Brasil foi indicada ao prêmio Jabuti 2017, o HqMix 2017 e o PNLD literário 2018. A hq foi escrita pela professora de língua portuguesa Sirlene Barbosa e o artista visual e autor de histórias em quadrinhos João Pinheiro. O maior objetivo dos autores é que a hq alcance o maior público possível dentro das escolas, entre alunos e educadores. O interesse partiu de Sirlene, que coordenou uma sala de leitura por alguns anos, e percebeu que poucos dos livros que estavam na sala pertenciam à literatura negra, "observei que diante

[2] http://presquelune.com/index.php/romans-graphiques/283-carolina

de uma média de 30.000 livros, havia apenas uma prateleira de livros (algo em torno de 50) que estavam relacionados à literatura negra". A autora percebeu também, através de uma enquete com os professores da sala de leitura da Diretoria Regional de Educação de Itaquera, que poucos conheciam Carolina e nenhum deles tinha lido às suas obras. A partir disso Sirlene resolveu levar às pessoas a importância e a vida de Carolina. Escolheu o gênero de quadrinhos, porque achou mais interessante aos estudantes, além de seu companheiro João Pinheiro ser quadrinista.

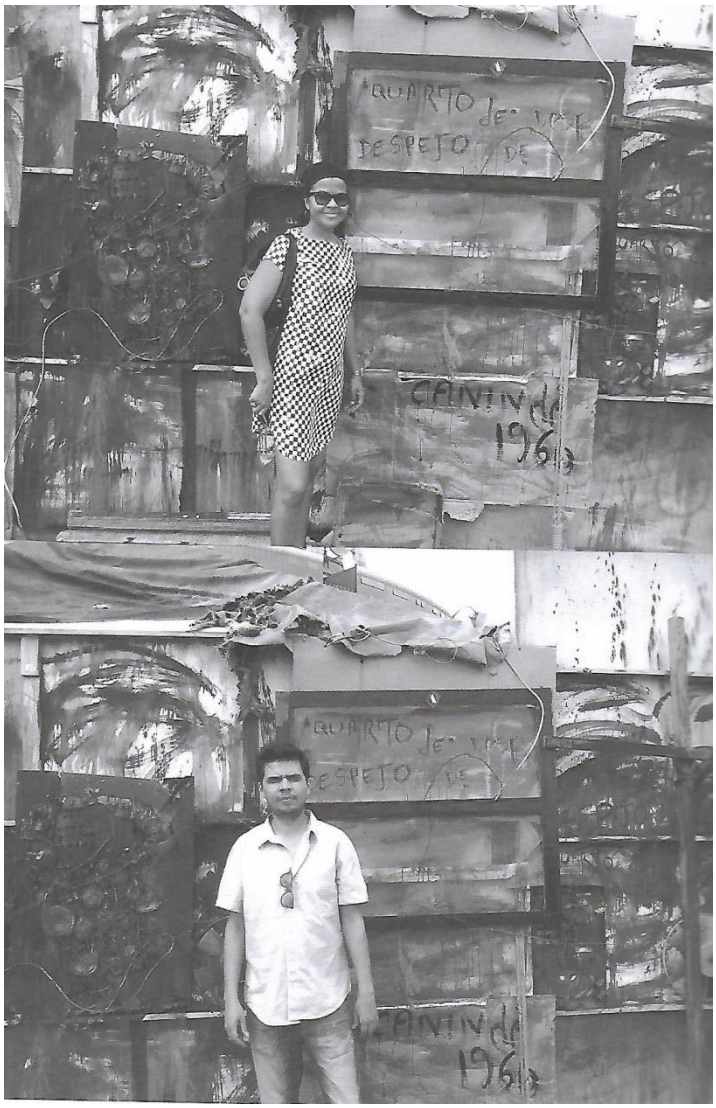

FIGURA 4.Sirlene Barbosa e João Pinheiro na favela do Canindé, em frente ao local de moradia de Carolina Maria de Jesus

FONTE: BARBOSA, PINHEIRO, 2018..

Depois de conhecer às obras de Carolina Maria de Jesus, e por meio delas a sua vida, é fácil entender o porquê Sirlene e João escolheram realizar essa hq biográfica. Uma mulher incrível e batalhadora, que durante o dia trabalhava catando papel, cuidava de três filhos e ao chegar em casa, mesmo cansada e com fome, escrevia, quando acordava, escrevia. O prazer de Carolina pela escrita,

seu amor pelos livros é contagiante. “Ja que despertei estou escrevendo. tem pessôas que desperta procura um cigarro. E eu um livro.” (p.314)

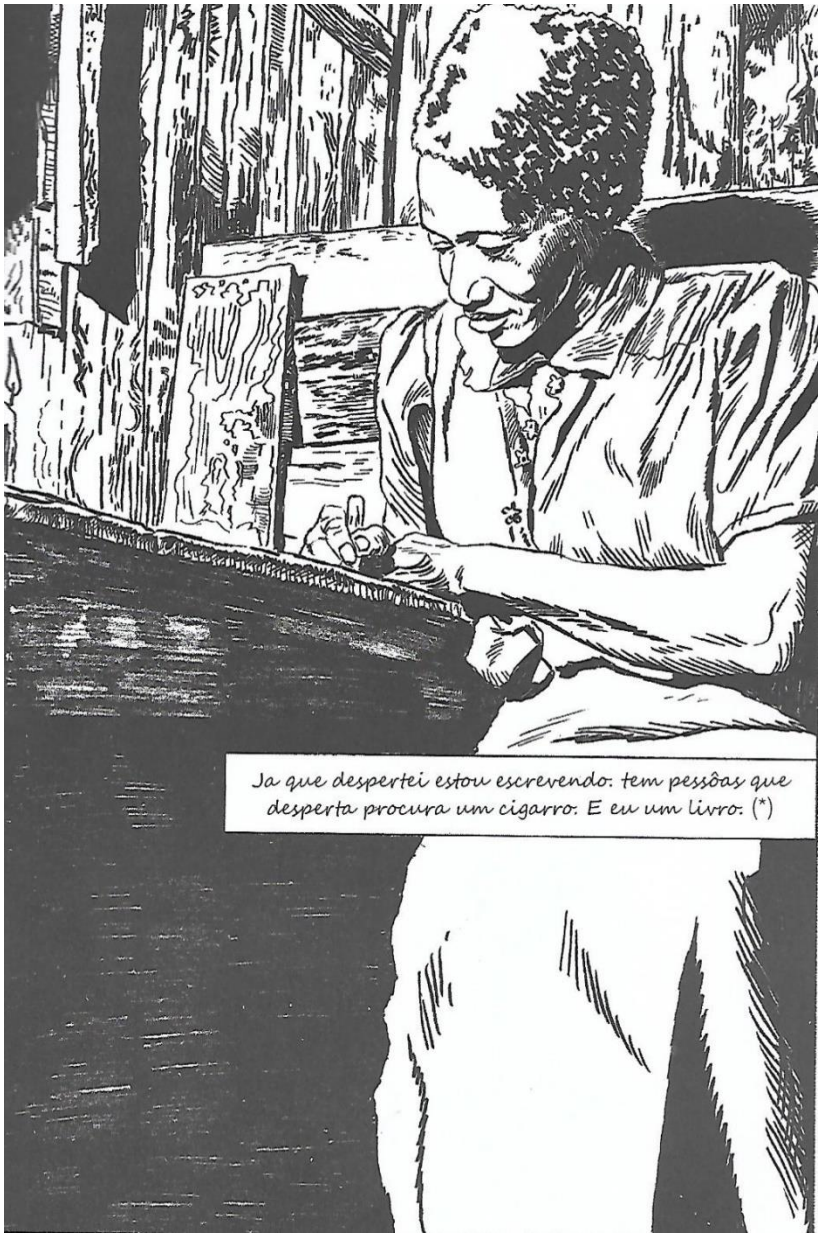

FIGURA 5.História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.

FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

Carolina nasceu em 1914 na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Era neta de escravos e filha de uma lavadeira. Aos sete anos iniciou seus estudos no colégio Alan Kardec, onde cursou apenas o primeiro e segundo ano do ensino fundamental. Em 1930 se muda para Franca, São Paulo, com sua família, onde começa a trabalhar de lavadeira e empregada doméstica. Em 1948 se muda para a favela do Canindé, os anos seguintes são marcados pelo nascimento de seus três filhos. Enquanto vivia na favela, escreveu seu livro mais famoso “Quarto de Despejo: Diário de Uma Favelada”, publicado logo

depois de seu encontro com o jornalista Audálio Dantas. Em 1969 se mudou para um sítio no bairro de Parelheiros, em São Paulo, época em que foi esquecida pelo mercado editorial. Escreveu outras obras, dentre elas músicas, poemas e livros, mas não alcançaram o mesmo sucesso. Carolina faleceu em 1977, em São Paulo.

FIGURA 6: Arte feita por João Pinheiro, representando Carolina Maria de Jesus, encontrada no site: https://carolinaemhq.tumblr.com/.

FONTE: PINHEIRO, 2018.

Ademais, o trabalho com histórias em quadrinhos está cada vez mais ganhando espaço em âmbito acadêmico. Por sua vez, as pessoas estão cada vez mais interessadas em lê-las, ainda mais quando se trata da história de alguma personagem real e famosa, que inspirou pessoas no mundo todo. Como expõe Mary Del Priori:

> "No Brasil vimos surgir, nos últimos dez anos, um grupo que lê e gosta de histórias(...) Outros produtores culturais, tais como documentaristas, cineastas, produtores de conteúdos para sites, procuram, cada vez mais, desenvolver projetos nos quais as informações tenham raízes históricas." (PRIORI, 2009, p.13)

Podemos acrescentar às palavras de Priori, as histórias em quadrinhos, que descobriram, também, o quão bem seriam recebidas pelo público leitor. E, quando falamos em público leitor, devemos banir de nossa mentalidade aquela imagem de crianças e jovens que curtem ler histórias em quadrinhos, há também, não negamos, mas, como reitera Waldomiro Vergueiro, em seu livro "Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos":

> "O reconhecimento do potencial artístico dos quadrinhos por parte dos intelectuais e a eclosão do movimento de quadrinhos underground foram muito importantes para assentar as bases de uma outra etapa na legitimação cultural das histórias em quadrinhos do mundo inteiro. Pode-se dizer que, com esses dois fatores, agilizava-se o ritmo em que as histórias em quadrinhos deixavam de ser vistas como linguagem exclusivamente para o público de menor idade e passavam a ser encaradas como manifestações voltadas a público diversos, com diferentes níveis de qualidade e representação de mundo." (VERGUEIRO, 2017, p.20/21)

Contudo, devemos sempre manter cuidado ao ler histórias em quadrinhos biográficas, elas podem ter base em um fato histórico, mas serem modificadas pela ficção. O leitor deve buscar questionar as informações trazidas pelos autores, ainda mais se essas histórias em quadrinhos vão ser utilizadas em sala de aula ou em alguma pesquisa acadêmica.

Sobre a legitimação cultural dos quadrinhos Vergueiro nos traz informações valiosas, como salienta o autor, as histórias em quadrinhos adentraram os ambientes museológicos através da arte pop durante as décadas de 1950 e 1960, também na mesma época no Brasil, foi realizada a primeira exposição de histórias em quadrinhos, entretanto não podemos esquecer a criação do Centre d'Etudes d'Expressiondes Littératures Graphique (CELEG), grupo dedicado a divulgar artigos sobre o meio das histórias em quadrinhos. O movimento underground[3], também citado acima, nasceu dos movimentos hippies e da revolta estudantil, que buscavam o fortalecimento e a autonomia da produção quadrinística e sua utilização para manifestação artística e social, "uma criação quadrinística totalmente desvinculada de editoras ou normas editorias, com obras voltadas para a expressão de sentimentos, para o desafio às tradições e para a liberação de costumes(...)"(p.19)

O século XX foi marcado por dois meios de comunicação, o cinema e as histórias em quadrinhos. Os dois contribuíram imensamente com outras formas de comunicação. Foi durante a década de 1960 que os quadrinhos começaram a se aproximar das universidades, na Europa, ocupando um lugar de características próprias e produção de sentidos. Mais um passo para a legitimação cultural das histórias em quadrinhos foi na década de 1970, quando passaram a ser referenciadas como Nona Arte e "Arte Gráfica Sequencial".

---

[3] O movimento dos quadrinhos underground não durou muito, seu auge ocorreu entre o final da década de 1960 e metade da década de 1970. Porém, sua influência atingiu o mundo inteiro, na Europa influenciou revistas de vanguarda, na América influenciaram à luta contra os regimes ditatoriais. No Brasil, o movimento underground pode ser encontra nas obras de Henfil e no semanário O Pasquim.

No Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, iniciou-se a publicação de diversas biografias em histórias em quadrinhos, personagens importantes da história do Brasil foram representados, tais como Getúlio Vargas, Castro Alves, Rui Barbosa, Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, Dom Pedro II, Tiradentes, e outros. A própria área de histórias em quadrinhos infantis teve início com publicações de personagens voltados ao mundo do entretenimento, pessoas de destaque do mundo da música, cinema, televisão e esporte.

Juntamente a pesquisa em história em quadrinhos teve um grande aumento com a criação do Observatório de Histórias em Quadrinhos da USP, que ofereceu oportunidade de pesquisa na área. Pesquisas essas que, não se restringem apenas aos cursos de comunicação, "posso com tranquilidade afirmar que atualmente é possível desenvolver pesquisas sobre histórias em quadrinhos, no Brasil, em praticamente todas as áreas do conhecimento" (p.74). Pois bem, esta pesquisa, que embarcaremos juntos, logo mais adiante, busca uma visão voltada à perspectiva histórica.

Para clarear melhor as ideias, é necessário saber que, segundo Vergueiro, a pesquisa em quadrinhos precisa ser algo sério e profundo, com dedicação total por parte do pesquisador. É importante quando o pesquisador tem uma relação afetiva com seu objeto de pesquisa, contudo, deve haver cuidado para que o entusiasmo não o cegue. O objeto deve ser analisado de forma crítica. E a perspectiva é a forma como vamos olhar para as histórias em quadrinhos que deverão ser analisadas. A perspectiva histórica abrange pesquisas sobre o desenvolvimento das histórias em quadrinhos em geral, diversos segmentos e gêneros narrativos, no caso de nossa pesquisa, gênero biográfico. Também permite ao pesquisador retratar fenômenos ou personalidades históricas.

A maioria das histórias em quadrinhos biográficas segue no âmbito da literatura, ou seja, na biografia ficcional, mesmo que usem de fatos históricos para escrevê-las, não se baseiam em documentação, ou uma ampla bibliografia. Usam de recursos extraordinários, muitas vezes para atrair o público leitor, e tornarem mais emocionantes suas histórias - bem parecido com a biografia na época da Grécia e de Roma. E é ai que entra a hq Carolina, o nosso objeto foge desse segmento, pois é escrita totalmente baseada em pesquisa e documentação histórica. A hq demorou 3 anos para ser escrita, depois de muitas viagens e pesquisas. No fim da hq podemos encontrar todas as referências bibliográficas, usadas pelos autores. Como diz João Pinheiro:

> "O centro do roteiro se dá a partir do encontro de Carolina com o jornalista Audálio Dantas em 1958 (quando esta ainda residia na favela do Canindé) até a publicação e consequente sucesso do seu quarto de Despejo, sua ascensão e seu posterior apagamento como escritora. É um roteiro clássico, dividido em três atos. Nele vemos recortes da infância de Carolina e sua velhice solitária em sua última morada, um sítio em Parelheiros. As datas são fiéis e os acontecimentos são baseados nos seus próprios relatos autobiográficos."[4](PINHEIRO, 2019)

[4] A autobiografia de acordo com Queiroz, "nela foi o próprio narrador quem dispôs a narrar sua vida, deu a ela o encaminhamento que melhor lhe pareceu e deteve o controle sobre os meios de registro." Os elementos: acontecimentos + personagens + lugares = memória, constituem parte importante das narrativas autobiográficas, que tentam reconstituir de modo organizado e sistemático, trajetórias do ponto de vista dos próprios sujeitos. No relato autobiográfico, o autor atua como ideólogo de sua própria vida e, seleciona

Sobre autobiografia, e o uso da memória, Le Goff diz que a aceitação da memória como objeto do historiador[5] é conquistado pelo pensamento historiográfico conhecido como História Nova, que introduziu o interesse à vida cotidiana, aumentando assim, as fontes de investigação – em nosso caso, os diários disponibilizados por Carolina Maria de Jesus. Para Halbwachs a memória estritamente individual não existe, pois ela é inserida no social e permeada de interferências coletivas. Como salienta Levi, não é só a reflexão do social, o indivíduo coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele se apropriando, filtrando, retraduzindo e projetando-o em sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. Por isso é possível conhecer o social partindo do indivíduo.

Mediante isso, iremos começar nosso estudo buscando apresentar um exemplo de biografia histórica, analisando a história em quadrinho Carolina. Como disponibilizado na própria hq:

---

acontecimentos significativos e estabelece entre eles conexões. Rousseau é considerado o fundador do gênero autobiográfico, com "Confissões". A biografia é a história de um indivíduo redigida por outro.

[5] Para Nora a necessidade da memória é a necessidade da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BRASIL (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Disponível em: <http://www.amperj.org.br/store/legislacao/constituicao/crfb.pdf>. Acesso em: 30 jan 2015.

_____ (1996). **Lei nº 9394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 jan 2015.

_____ (2003). **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm#art79a>. Acesso em: 30 jan 2015.

_____ (2008). **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394/96, modificada pela Lei nº 10.639/03, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <http://www. planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm#art1>. Acesso em: 30 jan 2015.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Entre silêncios e estereótipos**. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/3105.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2014.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.

DINHA; FERNANDEZ, Raffaella (Org.). **Onde estaes felicidade?** São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, KABENGELE. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: Edições MEC/BID/UNESCO, 2005. p. 21-38.

_____. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v. 12, n. 1, p. 98-109, jan/abr 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. **Casa de alvenaria**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.

_____. **Pedaços da fome**. São Paulo: Editora Áquila, 1963.

_____. **Diário de Bitita**. São Paulo: Sesi-SP Editora, 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom de (Org.). **Antologia pessoal, poemas de Carolina de Jesus**. Revisão de Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.

_____; LEVINE, Robert. M. **Cinderela negra**: a saga de Carolina Maria de Jesus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. **Escritoras negras**: resgatando nossa história. Rio de Janeiro: Ciec, 1989.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional**: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. [Palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 5 nov 2003].

PAIXÃO, Marcelo; et al. **Relatório Anual das Desigualdades Raciais no Brasil**; 2009-2010: constituição cidadã, seguridade social e seus efeitos sobre as assimetrias de cor ou raça. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2011.

PERPÉTUA, Elzira Divina. **A vida escrita de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Carolina Maria de Jesus**: uma escritora improvável. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SILVA. Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SOUSA, Germana Henriques Pereira de. **Carolina Maria de Jesus**: o estranho diário da escritora vira lata. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

FIGURA 7 E 8: Bibliografia da história em quadrinho biográfica Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, sobre a autora Carolina Maria de Jesus.

FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

O que torna a hq mais interessante é justamente o seu intuito de mostrar que da mesma forma que sua ascensão foi rápida, seu declínio como escritora também. Carolina depois de "Quarto de Despejo" continuou sua carreira literária com outros livros como 'Casa de Alvenaria", que não fez tanto sucesso, alguns contos, poemas e até músicas foram lançadas, porém o caminho para a escritora era árduo, e não há dúvidas do motivo, somos todos capazes de identificar: Carolina negra, pobre, mulher, favelada, mãe solteira, catadora de papel e sem papas na língua? Afinal, quem quer dar voz as minorias – que sabemos, são maioria – que ela representava? O preconceito velado à Carolina e abordado em seu livro "Quarto de Despejo" não é um assunto arcaico, é tão atual quanto era na década de 60 – quando o livro foi lançado – e merece ser discutido, analisado, levado à tona, como traz o jornalista Audálio Dantas, "Assim, Quarto de Despejo não é um livro de ontem, é de hoje (...) Os quartos de despejo, multiplicados, estão transbordando." Quarto de despejo, um lugar onde guarda-se objetos que não são mais utilizados, era para Carolina, a favela, onde as pessoas são despejadas e ignoradas.

(*) *Quarto de despejo*, 1960, p. 37.

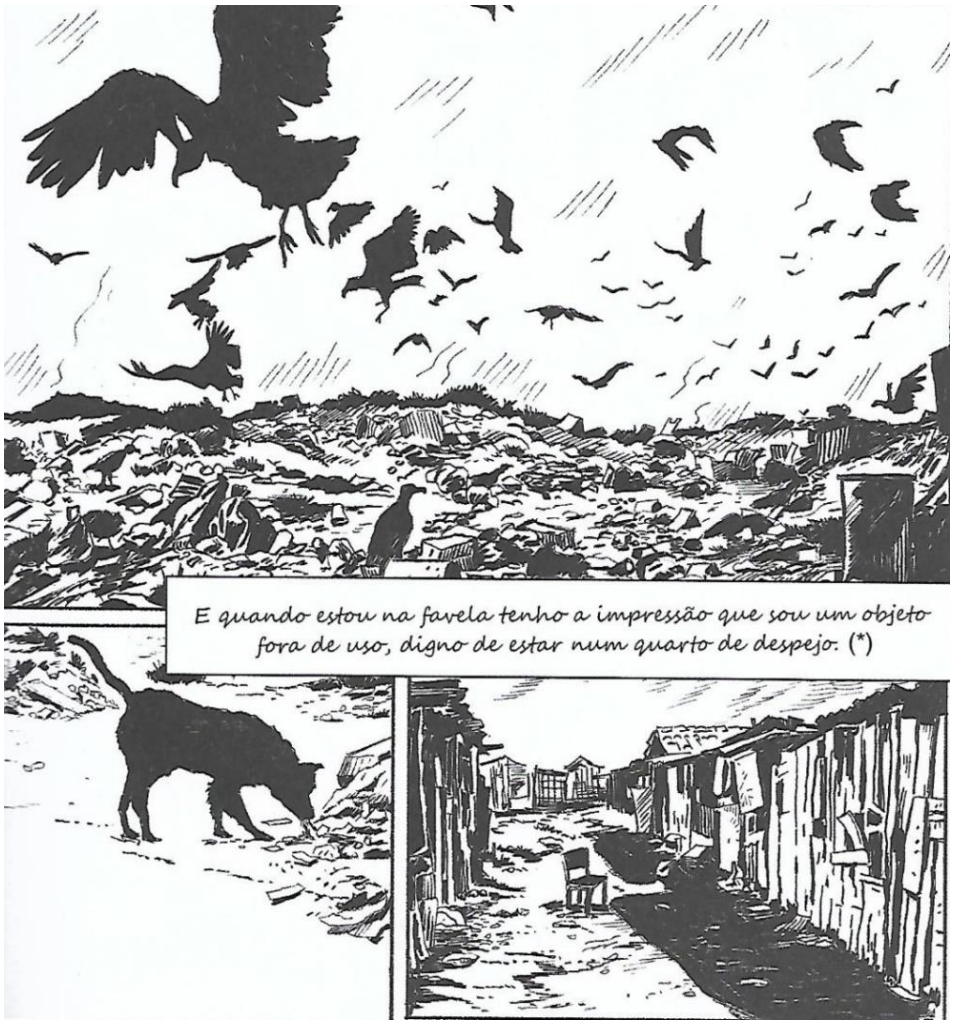

FIGURA 9 e 10: História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.
FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

Carolina viveu sua infância em Sacramento, Minas Gerais. Seu livro autobiográfico "Diário de Bitita" conta os momentos em que a autora passou quando era criança. Ao ler compreendemos que Carolina desde muito nova, 4 anos pra ser exata, já era observadora e questionadora, sua mente era bombardeada de ideias à todos os momentos. Entretanto, como todos nós, vivenciamos a infância, sabemos que ela é inocente, assim também, Carolina via o mundo com olhos inocentes, o mundo era belo, dormir, comer e brincar, eram as únicas coisas que importavam. Mas com o decorrer do livro, percebemos essa mudança em Carolina, conforme cresce, percebe o quão ruim as pessoas são, as guerras, as dificuldades, a busca por trabalho, a pobreza, a fome... Concordante a narrativa se expande toca-nos no coração, na mente, no âmago. O racismo, o machismo, a violência policial, a violência sexual, a pobreza, a fome e apesar disso, Carolina não se calava ou baixava a cabeça! Ela lutava pelo pouco que o mundo oferecia. Quando era bem pequena Carolina foi levada por sua mãe a um médico espírita, chamado Eurípedes Barsanulfo, que disse "A tua filha é poetisa" (p.71), sobre os choros ininterruptos de Carolina, e que a menina sentiria terríveis dores de cabeça até os 21 anos.

FIGURA 11: História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.
FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

No livro "Quarto de Despejo – Diário de Uma Favelada", Carolina Maria de Jesus conta sobre seus dias na favela do Canindé, sobre os problemas com os moradores, a falta de solidariedade, as dificuldades que passava. Agora a autora não vivia por si, era mãe de três filhos, solteira, catadora de papel, mas ainda sonhava com melhores condições de vida, e escrevia. Ao escrever Carolina não tem papas na língua, fala sobre a vida dos moradores da favela, que não é bem aceita pelos mesmos. A luta contra a fome, que Carolina chama de a "escravatura atual", em todo o decorrer de sua narração, a autora coloca se conseguiram se alimentar ou não, e o que comeram naquele dia. Também, sempre questionando a política brasileira, dizia ela que os políticos não se importam com os favelados, que ser favelado era como ser despejado da sociedade.

A MATÉRIA DE AUDÁLIO FOI PUBLICADA NO DIA 9 DE MAIO DE 1958, NA FOLHA DA NOITE.

O DRAMA DA FAVELA ESCRITO POR UMA FAVELADA

Carolina Maria de Jesus faz um retrato sem retoques do mundo sórdido em que vive.

CAROLINA MARIA DE JESUS número 9 de uma "rua" sem nome, na favela do Canindé. Para comer e dar de comer aos seus três filhos, apanha papel no lixo e vende num depósito da cidade. Sua vida não é melhor nem pior do que a dos demais favelados. Levante-se muito cedo, vai para a fila da água e volta com uma lata na cabeça, como o fazem milhares de Marias em todas as favelas deste país: se tem pão, come e dá aos filhos; se não tem, eles choram e ela chora também. O pranto é breve, porque ela sabe que

E' apanhadora de papel, passa fome com os filhos pequenos, mora num barracão infecto, mas sabe "ver" alem da lama do terreiro e do zinco da favela — A miseria desperta o espirito — Cadernos cheios de "poesias", "contos" e "romances" — Peregrinação (inutil) pelas editoras — A narrativa da vida na favela, num impressionante "diario" — Reportores das FOLHAS editarão Carolina

Reportagem de Audalio DANTAS — Fotos de Gil PASSARELLI

vivem uns roubando os outros. "Quando elas falam, não sabem dizer outra coisa. Percebi que foi ela quem queimou os meus sacos. Resolvi me retirar com nojo dela. Aliás, já haviam dito que eles são malvados. Que a dona Elvira nunca fez um favor a ninguém. Não fiquei ressentida. Já estou habituada com a maldade humana. Sei que os sacos vão me fazer falta."

Eis uma pequenina amostra das coisas que Carolina Maria de Jesus nos conta.

FIGURA 12: História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro,.
FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

Por fim, em seu livro “Casa de Alvenaria”, que não fez o mesmo sucesso que “Quarto de Despejo”, Carolina dá continuidade à sua inserção ao mundo da literatura e da fama e a sua saída da favela. Ainda na miséria inicia a história em busca de um contrato com a livraria “Francisco Alves” para publicação de seus livros. Também conta sobre sua relação com a mídia. No início de tudo, Carolina era novidade e as pessoas tinham curiosidade sobre sua vida, isso fez com que, logo no início a autora saísse em programas de tv e em reportagens jornalísticas. O livro apresenta todo o percurso da publicação de seu livro de maior sucesso “Quarto de Despejo”. Carolina quando o recebe em mãos pela primeira vez impresso, diz “O que eu sempre invejei nos livros foi o nome do autor. E li o meu nome na capa do livro”.

FIGURA 13: História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.

FONTE: BARBOSA; PINHEIRO, 2018.

CONCLUSÃO

No decorrer das informações apresentadas por meio de leitura e pesquisa, de autores renomados e importantíssimos no meio historiográfico, e também, no âmbito da pesquisa em história em quadrinhos, concluímos que, a pesquisa em história em quadrinhos está ganhando espaço em trabalhos acadêmicos, e que podem ser utilizadas, na visão historiográfica, como objeto de pesquisa, contanto que o pesquisador mantenha a criticidade e se baseie em métodos seguros e confiáveis. Também assimilamos sobre o gênero biográfico dentro da historiografia e, consequentemente sobre o gênero autobiográfico.

Ademais como as histórias em quadrinhos estão cada vez mais ganhando espaço no mercado consumidor, a indústria quadrinística está se adaptando para todo o tipo de público existente. O público consumidor cresceu amplamente nos últimos anos, nos dias atuais todos podem ler e encontrar uma hq do seu interesse. As histórias em quadrinhos estão em toda parte, e como vimos, adentrou até o âmbito biográfico. A linguagem lúdica e ágil torna mais atraente e coerente para públicos jovens e/ou com dificuldade de compreender temas específicos de determinadas áreas. Tudo isso faz com que o impacto das hqs seja, na vida das pessoas, atualmente, muito importante, tornando-a assim uma fonte nova a ser estudada.

Por fim, como tudo isso, foi necessário para nos encaminhar até a análise da hq biográfica "Carolina". Através dela conhecemos um pouco mais sobre a autora, na esfera individual, contudo e principalmente, conhecemos sobre o coletivo a sua volta. Sobre como era (é) a vida nas favelas, o dia a dia, de pessoas que foram esquecidas pela sociedade e pelo Estado. A pobreza e a fome, as discussões e agruras da vida de pessoas, que muitas vezes não tiveram a chance de conhecer uma vida melhor fora dos barracos da favela. Por meio desta análise conseguimos compreender mais sobre o racismo – e como aos olhos de Carolina, ele não existia (Casa de Alvenaria), apesar de ser visível em toda a sua narrativa. Sobre o machismo, vivenciado por uma mulher solteira e mãe de três filhos, que se recusava a casar e depender de marido. Sobre a violência cotidiana, sofrida por pobres e favelados, e a violência dentro da própria favela, entre seus moradores.

Carolina representa a voz feminina, negra e favelada, que exige ser ouvida – até hoje. Inicialmente, ela escreve porque sente fome, porque ama ler e escrever, porque possui um sonho, mas em segundo plano, representa o grito de socorro, a necessidade de que através de seus relatos a mudança possa acontecer.

A hq "Carolina" é historicamente biográfica, por causa do trabalho árduo, de Sirlene Barbosa e João Pinheiro, que se dedicaram a pesquisar sobre a autora, durante o decorrer de três anos. Leituras e viagens para que pudéssemos nos cativar pelo modo como Carolina enxergava a vida. Para que mais pessoas conhecessem sobre obras dentro do âmbito literário feminino e negro.

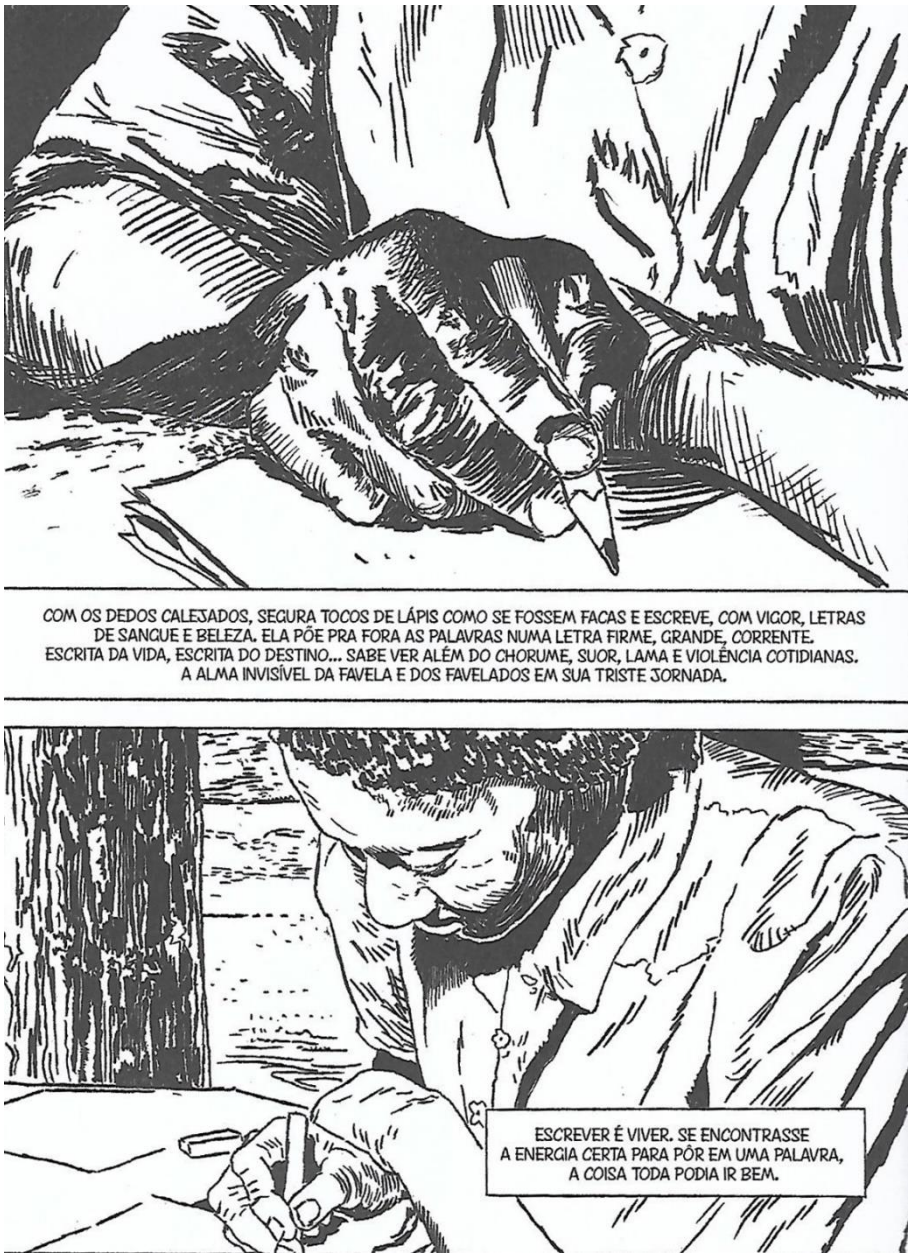

FIGURA 14: História em quadrinhos Carolina de Sirlene Barbosa e João Pinheiro.
FONTE: BARBOSA; PINHIRO, 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Sirlene. PINHEIRO, João. **Carolina**. 3ª edição, editora Veneta, São Paulo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **Usos e Abusos da História Oral** – Capítulo 13: A Ilusão Biográfica. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – 8. Ed. – Rio de Janeiro , editora FGV, 2006.

BURKE, Peter. **A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista**. Estudos Históricos, 1997.

CONCEIÇÃO, Lívia Beatriz Da. **O Gênero Biográfico em Questão: Possibilidades Teóricas de Análise da Escrita Biográfica no Campo do Conhecimento Histórico**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, Julho, 2011.

JESUS, Carolina Maria De. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria De. **Casa de Alvenaria**. Volume 4 da Coleção "Contraste e Confrontos", Rio de Janeiro, Editora Paulo de Azevedo LTDA, Novembro, 1961.

JESUS, Carolina Maria De. **Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada**. Edição Popular.

LEVI, Giovanni. **Usos e Abusos da História Oral** – Capítulo 12: Usos da Biografia. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – 8. Ed. – Rio de Janeiro , editora FGV, 2006.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio**. A Autobiografia Como Fonte de Investigação Histórica Para a Educação**. Olhar de professor, Ponta Grossa, 12(1): 33-55, 2009. Disponível em https://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. **Algumas Reflexões Sobre Histórias de Vida, Biografias e Autobiografias**. Mesa- redonda "História Oral e as tramas da subjetividade" realizada no III Encontro Regional Sudeste de História Oral, Mariana, 12 a 14 de maio de 1999.

PRIORI, Mary Del. **Biografia: Quando o Indivíduo Encontra a História**; Topoi, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 7-16.

SOUZA, Adriana Barreto De. LOPES, Fábio Henrique. **Entrevista com Sabrina Loriga: A Biografia Como Problema** – História da Historiografia, Ouro Preto / Edufop, 2012, número 9, agosto, 2012.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos**. São Paulo, Editora Criativo, 2017.